



Capítulo I

As Origens e os Pioneiros *“Abrindo Caminhos”*

**“Uma Bandeira em Araraquara em 1723.
O ‘Picadão de Cuiabá, de Pimenta Bueno, em 1837.
Sesmarias e posses nesta região.”**

O conhecimento do recanto paulista em que vivemos começou em 1723. Um bandeirante de fama, Sebastião Sutil de Oliveira, juntamente com um seu irmão e o padre Frutuoso da Conceição conseguiram licença para organizar uma bandeira e procurar ouro nas imediações de Araraquara, que estava localizada em pleno sertão e onde só havia índios. Vieram e deixaram vestígios de mineração citados por vários cronistas antigos.

Por esse tempo, governava São Paulo D. Rodrigo Cezar de Menezes. Esse governador pensou em abrir caminho por terra para as minas de Cuiabá, em Mato Grosso, minas essas muito ricas e recentemente descobertas. Havia comunicação pelo Rio Tietê, mas era muito penosa por causa das quedas d’água desse rio. Além disso, somente um caminho terrestre resolveria bem o transporte de tropas e materiais.



Vista aérea da cidade em 1938, no alto a extinta Estação da Estrada de Ferro, interrompendo a Av. Pres. Valentim Gentil



1940 - Vista parcial da cidade do alto da torre da Igreja Matriz.. Prédios em destaque; da direita para a esquerda: Sorveteria Sônia, Prefeitura Municipal (Centro Cultural), Banco Arthur Scatena(Santander) e Cine Teatro Central(Micheletti Móveis)

Abriam-se na época vários caminhos em sentido a diversas direções como Goiás, Sul do Brasil e Mato Grosso.

Abriam-se na época vários caminhos em sentido a diversas direções como Goiás, Sul do Brasil e Mato Grosso.

Para que se tenha ideia da lentidão da conquista da terra quando a população é pouca citaremos apenas uma estrada que foi aberta em nosso território em 1837, época bem recente e que permanece na tradição oral.

Essa estrada cortou sesmarias e posses com suas sedes distantes e isoladas. Em 1837, de Araraquara até as barrancas do Rio Paraná, não existia nenhuma povoação, apenas constam pousos de monções à beira das quedas d’água do Rio Tietê.

Chamava-se essa via de comunicação Picadão do Cuiabá, e foi aberta por Joaquim Francisco Lopes, irmão do guia Lopes da

150 Anos de História





Vista aérea da cidade na década de 1960

Guerra do Paraguai, por ordem do Dr. Antonio Pimenta Bueno, presidente da Província de Mato Grosso.

Em nosso território, esse picadão, que partia de Piracicaba, depois de atravessar o Rio Jacaré Guaçu, entrou pelos fundos da Sesmaria do Cambuí. Atravessou a posse da “Fazenda da Grama” de Antonio Ferreira de Souza. Essa posse, situada a poucos quilômetros de nós, era cortada pelo Ribeirão São Lourenço. Foi vendida em 15 de Julho de 1843 ao Sargento-Mor Amaro José do Vale, pai do fundador de Itápolis. O picadão atravessou o local em que foi fundada esta cidade. Continuando, passou pelo Ribeirão dos Fugidos em direção ao Avanhandava e ao princípio da picada que também foi aberta a partir da margem do Rio Paraná.

De Piracicaba às margens do Paraná, o picadão tinha oitenta léguas e duzentos e quinze braças de percurso.

Com a abertura dessas vias de comunicação, antigas e recentes, através de território virgem, vieram as concessões de sesmarias e posses. A sesmaria mais próxima de nós era a do Cambuí que chegava até a Vila do Quadro, ponto em que fazia quadra.

A seguir, do Cambuí para o Oeste, vieram as posses da Fazenda Grama e Boa Vista do São Lourenço, onde está Itápolis. Do Ribeirão dos Porcos onde houve uma capela, da Fazenda Palmeira, Barra Mansa e outras e assim, sertão a dentro em direção a Mato Grosso.

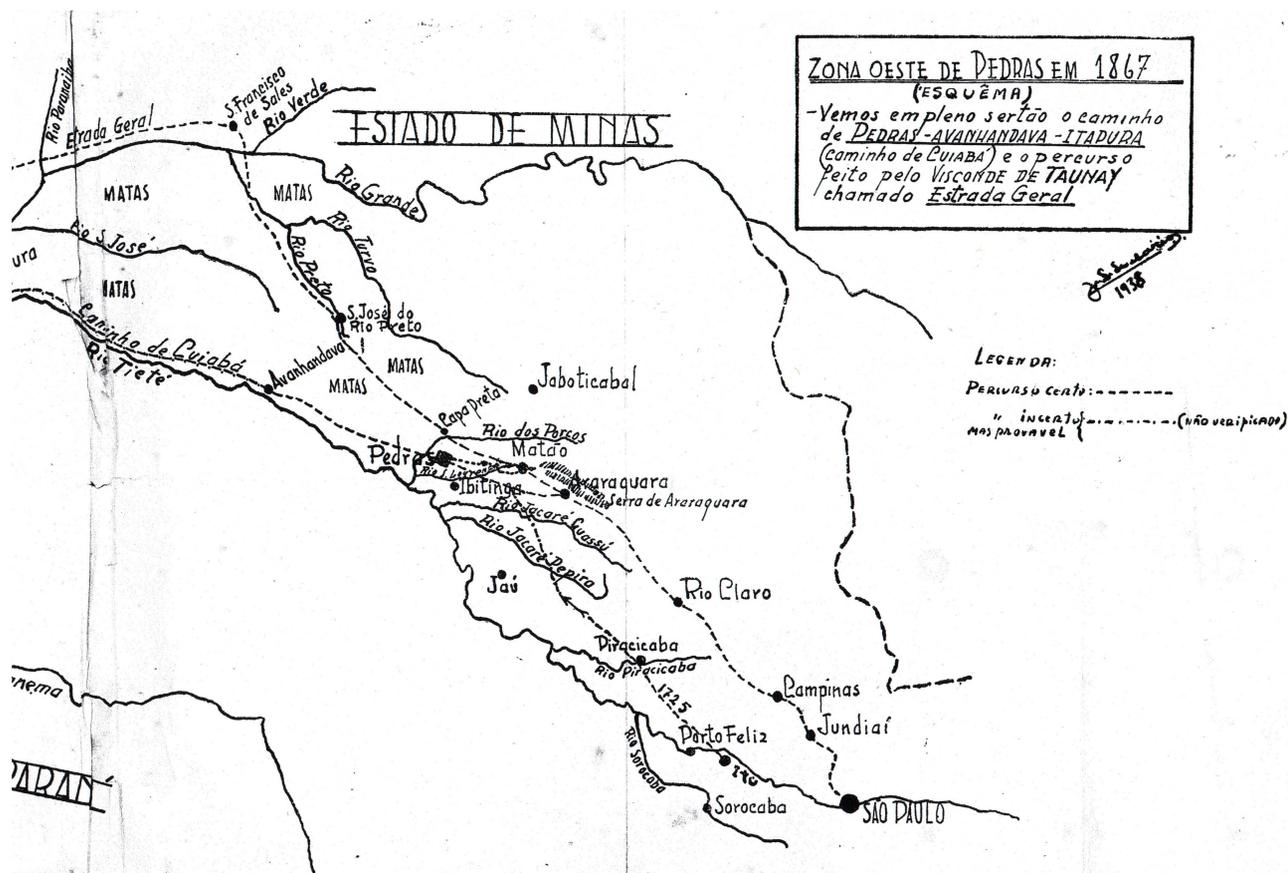
Portanto, como consequência da fundação de Araraquara tivemos a abertura dos sertões, que se localizavam no espaço que mediava o percurso do Tietê até o Avanhandava e Itapura, a estrada natural que descreve Taunay, em sua viagem de 1867 – “Viagens de Outrora” – da qual destaca-se o trecho de Araraquara a Matão, Água Limpa (próximo a Itápolis), Rio Preto, travessia do Rio Turvo, do Rio Grande em local próximo ao Rio Verde que vem de Minas, São Francisco Xavier, direção marginal do Rio Grande, travessia do Parnaíba, Santana do Parnaíba em Mato Grosso.

Dentro desse ângulo, Pedras (Itápolis) exerceu grande influência e abriram-se várias estradas, entre elas a do Avanhandava, do Itapura e do Taboado.

Há em documentos antigos do Município referências várias aos caminhos que o atravessavam, alguns dos quais localizados em mapas. Assim temos:

- Estrada Geral; Estrada Geral do Cuiabá;
- Estrada Velha do Itapura;





Estrada Pedras-Avanhandava-Itapora e o percurso feito pelo Visconde de Taunay, chamado de Estrada Geral

- Estrada do Avanhandava;
 - Estrada do Sertão;
 - Caminho do Sertão;
 - Estrada Reiuna;
 - Ponte Reiuna;
 - Estrada Velha de Pedras à Araraquara;
 - Estrada do Taboadó;
 - Estrada dos Fugidos;
 - Estrada da Estiva;
 - Estrada Velha do São Bento e outras.
- Muitos, como é fácil de verificar são os sinônimos.

“NO CAMINHO DAS PEDRAS...”

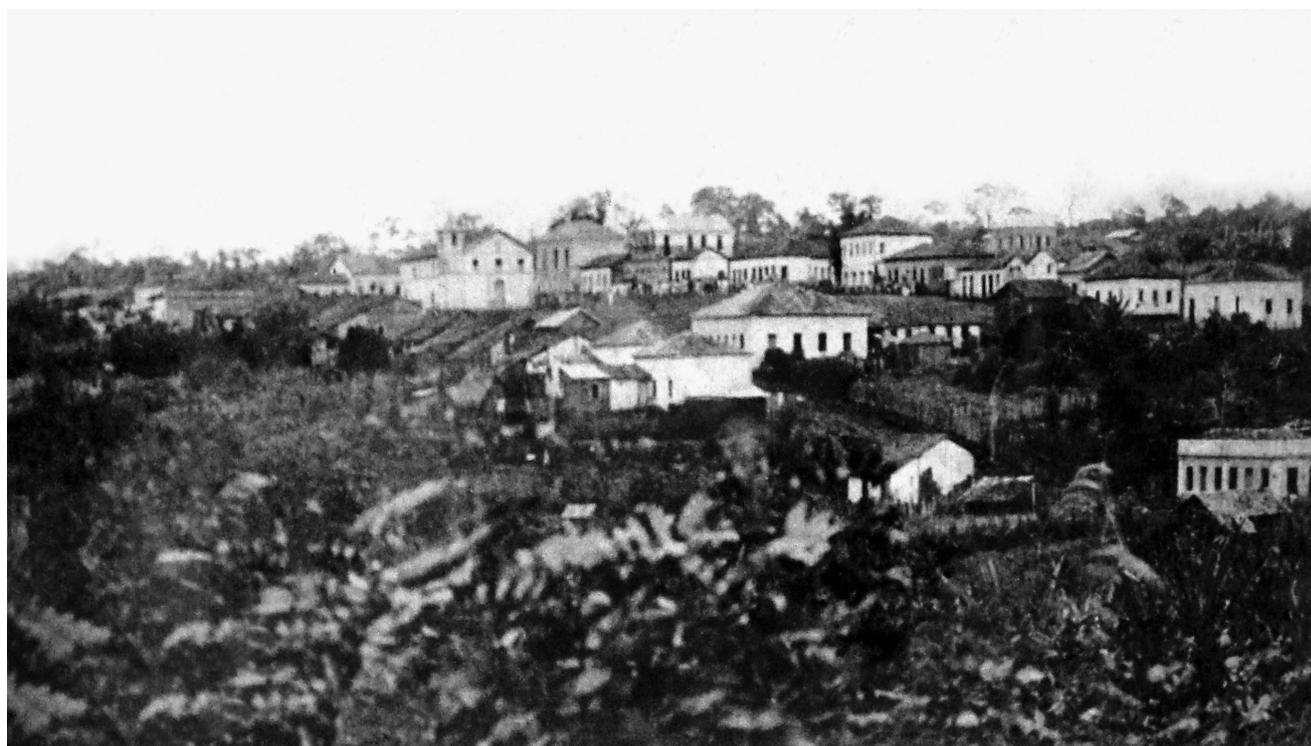
Fundação de Itápolis
Como acontece de um modo geral com as cidades sertanejas, Itápolis foi fundada seguindo os mesmos parâmetros.

Após ser fundada a capital de São Paulo e estabelecida a comunicação com o litoral, iniciavam-se as conquistas de terras desconhecidas.

Para desenvolver riquezas, fazia-se necessário o braço do trabalhador. Com esse pensamento, o paulista partiu em busca do índio para torná-lo seu escravo, embrenhando-se pelas matas inóspitas de um sertão desconhecido.

Para atingir suas metas, percorriam caminhos dos rios, picadas ou trilhas feitas pelos índios.





Vista parcial da cidade, do alto da Pedreira, em 1900

Com o progresso já descrito, anteriormente, em “As Origens e os Pioneiros” surge a necessidade do aprofundamento da educação religiosa do nosso povo.

Na região onde Itápolis se encontra, surgiram diversas povoações, quase pela mesma época, nos meados do século passado.

Assim, citaremos a Capela do Espírito Santo do Ribeirão dos Porcos, Vista Alegre do Lageadinho, S. Bom Jesus do Tininga.

Destas, duas não se desenvolveram, que foram a Capela do Espírito Santo do Ribeirão dos Porcos e a Vista Alegre do Lageadinho, transformada em Nova América com a mudança do local.

A direção evolutiva da zona se processou dentro das linhas gerais que passamos a resumir.

Os vilarejos que surgiram neste lado do sertão maciço, nas “prodigiosas matas de S.Bento”, não tiveram origem heróica; não se formaram ao redor do cascalho aurífero ao giro das bateias; tiveram origem pacífica, conhecendo apenas as lutas das derrubadas, das queimadas, do plantio e das colheitas, pela “Estrada Geral”, ou pelo “caminho do sertão” que ia ter ao sul de Mato Grosso, em Sant’ Ana do Parnaíba ou no Itapura. Já conheciam bem o destino que os esperava.

Quase sem estradas intermediárias e com as estradas gerais, que tornavam-se “torturantes”, como em 1901 chamou Euclides da Cunha a do Taboado, sem transportes rápidos, longe dos mercados, tornava-se penosa e lento o acúmulo de riquezas vindas da agricultura e da pecuária.

Damos uma pequena relação daqueles que em primeiro lugar se apossaram de terras devolutas nesses sertões: José Antonio de Castilho e sua mulher Antonia Claudina do Sacramento aqui chegaram por volta de 1826 e, pela Lei do Usucapião, quem vivesse num lugar durante três décadas, tinha direito à posse das terras.

Assim, em 1856, no Cartório da Vila de Araraquara, Comarca de Mogi Mirim, foi lavrada a escritura de posse da Fazenda Boa Vista, ou Fazenda de Matos, como outros a chamavam, em nome de José Antonio de Castilho e sua mulher.

Tendo a posse definitiva da fazenda, José Antonio vendeu-a em dois de maio de 1956 ao Alferes Pedro Alves de Oliveira, filho do Sargento Amaro José do Vale, pelo valor de dois contos e oitocentos mil réis. José Joaquim da Silva vendeu sua posse do Ribeirão dos Porcos em 14 de abril de 1841 a Antonio Caetano da Silva. Bento José do Amaral vendeu sua posse da Fazenda Pontal, hoje do Lageadinho, a José Jacinto Ramalho, doador do Patrimônio do Espírito Santo do Lageadinho, cuja escritura de venda





(permuta por dois animais), foi passada em documento particular datado de 13 de março de 1838; Antonio Ferreira de Sousa, em 15 de julho de 1843, vendeu ao Sargento Amaro José do Vale sua posse da Fazenda da Grama; além de Antonio Batista Gil que também vendeu sua posse da Fazenda Cachoeira do Ribeirão dos Porcos a Francisco Pinto de Sousa em 12 de fevereiro de 1833.

Antes dessa compra da Fazenda Boa Vista do São Lourenço, pouco se sabe do local, a não ser que em 1723, no governo de Rodrigo Cezar Meneses, uma bandeira partiu de São Paulo a caminho de Goiás e Mato Grosso à procura de ouro.

Na rota para Goiás, cortando o sertão paulista, fica nossa região, sendo possível acreditar que o chefe da Bandeira, Sebastião Sutil de Oliveira e o irmão Padre Frutuoso da Conceição por aqui passaram e provavelmente das terras desfrutaram por algum tempo, depois rumaram em busca de ouro, deixando abertos os caminhos, dos quais a História não tem registro, num período de pouco mais de cem anos.

Os dados passam a ser confiáveis a partir dos Castilho que eram criadores de cavalos e venderam a Fazenda Boa Vista para Pedro Alves de Oliveira.

Assim sendo, a fazenda comprada por Pedro Alves de Oliveira consiste no berço de nossa Itápolis. O Alferes ergueu a Capela Velha do Espírito Santo do Ribeirão dos Porcos. Doou 12 alqueires e três quartas de terras ao Divino Espírito Santo. A fazenda passou a se chamar Boa Vista do São Lourenço. Em 20 de outubro de 1862 estava fundada a cidade de Itápolis pelo Alferes Pedro Alves de Oliveira, data em que o juiz de Araraquara homologou o inventário de Pedro, pela morte de sua mulher Maria Jerônima Soares, com quem teve 12 filhos. Surgiu o Patrimônio do Espírito Santo, localizado dentro e a leste da Fazenda Boa Vista, à beira do Ribeirão dos Porcos, rente à estrada velha de Novo Horizonte. Devido à malária que grassava por ali, Pedro, o fundador da cidade, transferiu-se para onde hoje é a cidade de Itápolis, erguendo o povoado Espírito Santo do Córrego das Pedras, doando 112 alqueires de terras para o Patrimônio.

Tornou a casar-se, desta vez com Ana Luiza de Jesus e tiveram mais três filhos. Continuou cedendo seus terrenos com a finalidade de povoar a região. No ano de 1891, quem veio proceder à instalação do município, em meio a muita festa, foi o coronel Rodolfo Augusto de Moura, então presidente da Câmara Municipal de Araraquara. Foi ele quem deu posse ao primeiro Conselho da Intendência de Boa Vista das Pedras. Como intendente, Antonio da Silva Florêncio Terra deu a primeira nomenclatura das ruas da Cidade em 22 de março de 1892 e os primeiros passos para encaminhá-la dentro da ordem e do progresso.

Família numerosa e abastada, os Amaro tiveram decisiva influência no desenvolvimento da região. Mais de um Amaro fundou povoações nos arredores. Nova América, Tapinas, Quadro, Vila Alicina, Monjolinho, São Lourenço, Borborema, Novo Horizonte, Itajobi, Urupês (Mundo Novo), Marapuama, Vila Açaí (pertencente a Itajobi), Vila Cajado (Tijuco Preto) e outras, todas resultaram da influência direta e fecundante de Itápolis. Fácil é aquilatar a grandeza da extensão territorial que as localidades citadas abrangem, da sua população e sua riqueza. Itápolis foi de tudo isso a célula geradora.

Após 32 anos, Boa Vista das Pedras passou à categoria de cidade, graças ao projeto do vereador Victor Antonio Lagrotti, o qual foi apresentado à edilidade na reunião do dia 21 de outubro de 1894. Estavam presentes e votaram com o autor do projeto os seguintes vereadores: Vicente Gallo (presidente da Câmara), Lino da Costa Machado, Thomé Francisco de Passos, José Belarmino Pereira e Benedito Patrocínio de Carvalho.

Já na categoria de cidade, Boa Vista das Pedras inicia seu desenvolvimento. Não há notícias de lutas por causas de limites ou posses, a não ser as perdas e reconquistas da Comarca para Ibitinga, a cidade vizinha.

Somente no ano de 1910, quando a cidade se chamava Pedras, graças a uma Lei que favoreceu os locais já considerados “Termos” a instalarem as Comarcas, é que o problema se resolveu. Então, a cidade que se chamava Pedras conquista definitivamente a sede da Comarca, passando a denominar-se Itápolis.

Itápolis é um hibridismo, isto é, vocábulo com diferentes raízes, “ITA” do Tupi Guarani, significa pedra e “POLIS” do grego, significa cidade.

Portanto, esta cidade teve quatro denominações: Espírito Santo do Córrego das Pedras, Boa Vista



das Pedras, Cidades das Pedras e Itápolis.

Foi Curato em 28 de fevereiro de 1871; Freguesia a 5 de maio de 1886; Distrito de Paz através do Decreto nº. 9.886 de 7 de março de 1888; Vila, pelo Decreto nº. 161 em 13 de junho de 1891; Município a 24 de abril de 1891; Termo a 12 de abril de 1892; Delegacia de Terceira Classe em data de 22 de dezembro de 1910, quando Pedras passou a chamar-se Itápolis e a Comarca aqui se instalou para sempre.

Antonio da Silva Florêncio Terra, oriundo de Jaú, veio para Itápolis após 1877. Proprietário agrícola, de uma honestidade exemplar e de grande energia, foi o primeiro presidente da Câmara e o primeiro prefeito.

Após 1910, quando Pedras passa a chamar-se Itápolis, no período que alcançaria o ano de 1928, desdobram-se as atividades do desenvolvimento da cidade. Consolidam-se pequenas conquistas, desenvolveu-se a instrução, surgiram os primeiros jornais. Inauguram-se os serviços de iluminação elétrica e telefônico; levanta-se o Grupo Escolar, edifica-se a cadeia, aparecem medidas de saneamento, alcança-nos a Estrada de Ferro, abrem-se estradas de Rodagem.

A partir de 1928, inicia-se um novo período da vida itapolitana. Ele é marcado pelo lançamento de um manifesto redigido pelo Sr. Odilon Negrão, fundando o “Partido Republicano Popular de Itápolis”. Esse partido político, com fins renovadores, reuniu sob sua bandeira todas as capacidades pedrenses. A cidade conheceu, desde então, seus maiores triunfos: engrandeceu-se na representação política, na fundação de escolas, na imprensa e nas artes. Inauguraram-se templos e o Hospital abriu suas portas. Vários outros empreendimentos realizados melhoraram o aspecto da cidade e a vida do povo. A existência coletiva adquiriu nova feição sob o ponto de vista cultural, artístico, político, econômico e cívico.

Como um dos principais valores surgidos dessa época, é justo destacar um itapolitano: Valentim Gentil, figura de político cuja energia moça não conheceu cansaço em promover a grandeza paulistana, sem preocupações pessoais ou exclusivismo partidário.



Rua Barão do Rio Branco, esquina da Av. XV de Novembro (Pres. Valentim Gentil) no dia da eleição de 1928, em que o Partido Republicano Popular de Itápolis, saiu vitorioso



Dr. Valentim Gentil assinando a Constituição do Estado de São Paulo em 09 de julho de 1947

Uma bela e ponderável tradição de cultura já existia então, em Itápolis. Conviviam cheios de talentos pessoas como Léo Vaz, J. Ramos, Nicolau Pero, Percival de Oliveira, Danton e José Jobim e o poeta Pero Neto. Nasceu nesta cidade o escritor Leão Machado. O teatro local deu-nos Luiz Gentil e Francisco Guzzi.

Presentes estão nesta época, musicistas do mérito de José Toledo de Mendonça, João Di Munno, D^a Joanita Vanicori Senatore, Francisco Conti e Raphael Mercaldi. Destacam-se ainda os talentos oratórios de Alípio Leite Júnior, Octacílio Sene, Padre Roque Pinto de Barros, Benedito A. Bastos e Valentim Gentil. Na imprensa temos Ferreira Bedê e

Marinho Rosa.

O documento transcrito abaixo, na íntegra, das páginas 36, 37 e 38 do livro “Álbum de Itápolis”, publicado em 1934, indica como a cidade de Itápolis era em 1896, para que, com pequenos paralelos, possamos sentir e ver as transformações:

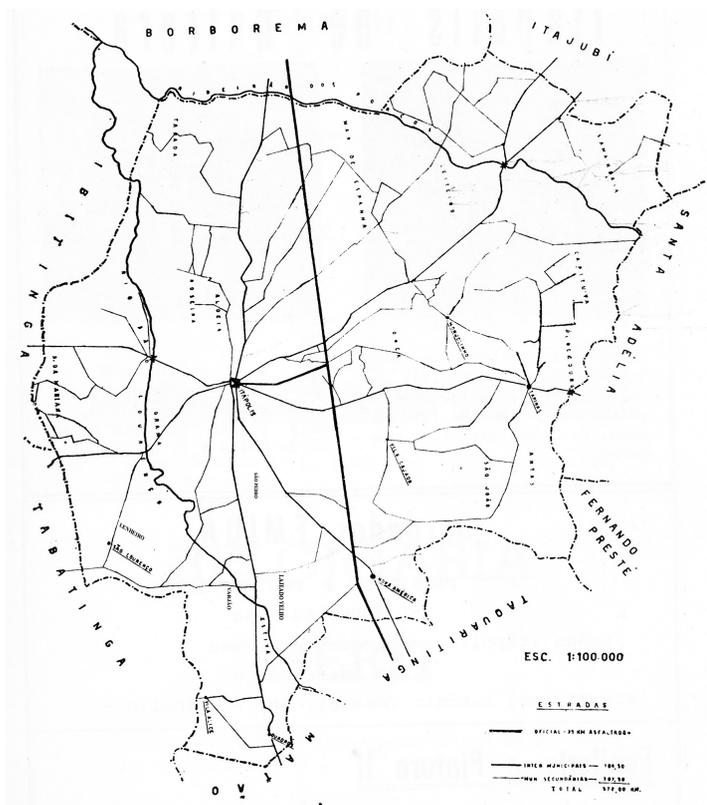
“A Fazenda Bôa Vista do S. Lourenço, ou das Pedras, disse o engenheiro Antonio Leal Sobrinho, em 10 de fevereiro de 1896, em seu relatório que contém dados interessantes, que se seguem, está encravada na comarca de Ibitinga, no município de Bôa Vista das Pedras e situada a oeste da cidade de Araraquara, ponto mais próximo da Estrada de Ferro Paulista.

É uma das maiores, senão a maior fazenda desta comarca. Dentro dela, a este, está colocada a futura cidade de Bôa Vista das Pedras, cujo patrimônio é parte integrante da fazenda. A sua figura, como se verifica da planta, é um polígono muitíssimo irregular devido a serem as divisas constituídas em sua maioria por espigões.

A fazenda Bôa Vista confronta: Pelo lado Sul com as fazendas da Roseira e Água Quente; a Leste com as fazendas Barra dos Marianos e Grama; ao Norte com as fazendas da Cachoeira e Cachoeirinha, ou São Francisco e a Oeste, com as fazendas do Ribeirão dos Porcos e da Roseira.

Em geral é um pouco acidentado o terreno que constitui a fazenda, tendo muitos platôs nos altos de quasi todos os espigões.

Cultivada há muitos anos e sofrendo fogos anualmente sem interrupção, de poucas matas virgens dispõe hoje a fazenda



Mapa do Município de Itápolis

150 Anos de História



para contristar que elas sejam desapiedadamente destruídas pelas queimas como o são: seja-me lícito referindo-me a esse fato lastimar que até hoje, não tenhamos, dispendo de sanções severas, um código florestal para pôr cabo á essa destruição insensata das nossas matas.

A Fazenda Bôa Vista, conquanto pela sua grande extensão não possa ser considerada rica de águas, não é em todo caso em extremo falta delas, como sóe acontecer a muitas outras desta parte do Oéste de S. Paulo, cujos habitantes vêem-se forçados ao uso de cisternas.

Corta a fazenda numa extensão de onze quilômetros em direção E. O., o grande Rio São Lourenço, um dos maiores tributários do Tietê nestas proximidades.

Para o S. Lourenço convergem todas as águas da Fazenda Bôa Vista o que o torna bastante volumoso, prestando-se até em alguns lugares á navegação de pequenas embarcações.

Cortando a Fazenda ele banha diversas situações dela, que com mais ou menos trabalho poderão aproveitar a sua força motora na aplicação de qualquer maquinismo.

As margens do S. Lourenço constituem as melhores terras da Fazenda Bôa Vista, sendo entretanto sujeita á sezão devido aos seus transbordamentos das águas e formação de pantanos.

Depois do Rio de S. Lourenço seguem-se os correços da Onça e do Bôa Vista que nascem dentro da Fazenda, percorrendo-na, e vão desaguar no São Lourenço ainda dentro da Fazenda.

Conquanto não disponham de grande volume d'água podem ser aproveitados como força motôra para pequenos maquinismos.

As outras águas, aliás bem pequenas, são tributárias todas dos dois córregos acima mencionados, e dificilmente serão aproveitados como força motôra.

Cortando a Fazenda em quasi todas as direções, observam-se estradas sendo muitas delas gerais.

As principais estradas são: as que partindo da cidade das Pedras dirigem-se à Araraquara, a Jaboticabal, ao sertão, a Ibitinga e as outras servem apenas aos habitantes dos municípios das Pedras e de Ibitinga.

A área da Fazenda Bôa Vista é de 11.105 alqueires e 96 centésimos”.

DISTRITO DE NOVA AMÉRICA

Nova América inicia sua história em 31 de outubro de 1856, quando José Jacinto Ramalho doou ao Espírito Santo o patrimônio do Lageadinho, hoje Lageado Velho.

A fazenda Lageadinho, antes Ribeirão do Pontal, situada no município de Boa Vista das Pedras, pertencia a Bento José do Amaral e, em 13 de março de 1938, foi permutada por dois animais, com José Jacinto Ramalho que, em 31 de outubro de 1856, fundou nela um povoado: Espírito Santo do Lageadinho.

Em 1902, Fabiano Nogueira Porto e outros doaram terras para o patrimônio da povoação, bem como José Eustáquio que, doando mais terras, aumentou o terreno.

Foi a Lei de nº. 1.222-B, de 14 de dezembro de 1910, quem criou o Distrito de Nova América, com sede na povoação do Lageadinho, no município de Pedras (Itápolis), lei esta promulgada pelo governador do Estado, Albuquerque Lins.

Nos distantes anos em que o Distrito de Nova América se firmava, o interesse pela música se fez presente em meio àquela população. Duas bandas importantes se salientaram: a “Lira Internacional”, fundada em 1913 sob a regência do Maestro Francisco Rotta, que se dissolveu em 1916, e a banda “Recreio dos Lavradores”, organizada em 1918 por Olívio Leocádio da Silva, sob a direção do musicista Antônio Pimpinati, a qual se extinguiu em 1927. Em 1929, Francisco Américo Desiderá organizou a Corporação Musical “Nova América”, sob a regência do musicista Lázaro Teixeira Pita. Quem o sucedeu foi o pistonista e compositor Edmundo Nascimento, oriundo de Santa Cruz da Estrela, homem dotado de grande talento musical, compositor de várias peças para banda, entre elas os dobrados “Sebastião Silveira”, “São Pedro”, “Matonense” e a valsa “Edna”.

Em 24 de julho de 1902, através de abaixo-assinado os moradores do Lageado Velho solicitaram à Câmara a aprovação da transferência do povoado daquele lugar para a beira da estrada de Taquaritinga.



Inicialmente a nova localidade se chamou de Vista Alegre do Lageadinho. Posteriormente, quando levantaram o Cruzeiro que marcou o lugar para a construção do primeiro templo, recebeu o nome de Capela da Vila Nova de Aparecida do Lageadinho, em 7 de setembro de 1902 e, finalmente, com a elevação dessa localidade à categoria de Distrito de Paz, pela Lei nº 1.222-B, de 14 de dezembro de 1910, passou a chamar-se Nova América.

Como a História registra, os passos palmilhados por essa comunidade foram cheios de luta e mereceram o empenho de pessoas notáveis como Major Hipólito Nogueira Alves Porto, Luiz Nogueira Porto, Alonso Teixeira dos Santos e tantos outros. Em 1904, instalou-se a primeira máquina de beneficiar café. Em 1908, houve a criação da primeira escola isolada de Nova América; em 1909, a criação do primeiro Posto Policial; em 1910 a criação do Cemitério, a instalação oficial do Cartório de Paz e a elevação a Distrito de Paz. Em 1911, a instalação do cinema com o primeiro espetáculo cinematográfico; a instalação da linha telefônica e o uso do telefone como meio de comunicação. Em 1915, aconteceu a elevação da Capela a Curato, sendo o 1º Capelão o Revmo. Júlio Bosco. Em 1922, houve a instalação do Correio e o 1º Vigário do local, o Cônego Heriberto de Goettersdorfer. Em 1924, é lançada a pedra fundamental da Nova Igreja Matriz do local. No ano de 1932, inaugura-se a Pia Batismal da Igreja. Em 1939, no dia 04 de abril, foi criado pelo Governo do Estado e instalado em prédio adaptado à Avenida Gonçalo Rueda, muito festivamente, o Grupo Escolar “Alferes Pedro Alves de Oliveira”, sob a Direção, interinamente, da professora Geny Alves Paschoal. Além dela, o corpo docente era composto pelos professores Maria do Carmo Arruda e Olavo Gouvêa Ludovico e o primeiro servente, Renato Nogueira Porto.



Major Hipólito Nogueira Alves Porto, um dos fundadores de Nova América

No ano de 1950, aconteceu a inauguração do agradável logradouro nas proximidades da Matriz graças a Frei Duarte da Silva, Vigário da Paróquia e Luiz Gonzaga Machado estimado cidadão de Nova América. Por força do disposto da Lei nº 371, de 27 de julho de 1964, promulgada pelo Prefeito Emilio Mucari, e, em reconhecimento ao trabalho do emérito franciscano, aquele logradouro passou a denominar-se “Praça Frei Duarte”.

Voltando ao percurso do progresso, em 1963 chegou ao Distrito de Nova América, a iluminação elétrica. Foi na administração do Prefeito Dante Compagno que o evento aconteceu, para o imenso contentamento do povo novamericano que, em 30 de dezembro de 1963, despediu-se da triste iluminação pública a gás acetileno e do uso doméstico dos “petromax”^(*), da vela de sebo e dos mal cheirosos lampiões a querosene.

Em 1964, houve o lançamento da Pedra Fundamental do novo Grupo Escolar e, em 5 de março de 1966, o novo prédio do grupo Escolar do Distrito de Nova América, foi festivamente inaugurado com a presença das autoridades locais, de representantes do Governo do Estado e de grande massa popular sob as bênçãos do Padre Ednyr A. B. Rovere. A escola tornou-se a “menina dos olhos” de Nova América, graças ao empenho incansável do Prefeito Emilio Mucari, Dr. Araldo do Amaral Arruda, Dr. Waldemar Tombi e do vereador Francisco Porto.

No ano de 1980, em 30 de dezembro, através da promulgação da Lei nº. 2.658, pelo governador Paulo Salim Maluf, a Escola Estadual de 1º Grau do Distrito de Nova América, passa a denominar-se EEPSG Pedro Mascari.

(*) Petromax: Lampeão (candeeiro) usado para iluminação pública. Nota do Editor



Tal fato visou prestar justa homenagem póstuma ao insigne cidadão Pedro Mascari, cuja vida foi notável exemplo de dedicação e amor ao município de Itápolis. Sempre incentivou a abertura de escolas tanto na área urbana como na zona rural, no que já foram beneficiadas diversas gerações. Era homem que, além de seus outros méritos, acreditava no valor e no poder da verdadeira e sadia educação.

A Escola Estadual Pedro Mascari funciona atualmente em três períodos, oferecendo ensino fundamental e médio a 214 alunos. Nova América sempre primou pelo valor que deu à educação, sendo seus alunos e professores destacados pelo teor de seu conhecimento e dedicação.

Graças a famílias como Grespi, Amaral, Campopiano, Medalha, Cândido, Victor, Batista Pereira, Pugin, Porto, Coletti, Marques, Daniel, Bozelli, entre outras, Nova América é um Distrito onde as necessidades fundamentais de sua população estão presentes: Posto de Saúde, Base Policial, Creche, Escola, Supermercados, Igrejas, Velório, Casas de Comércio, Farmácias, enfim, os serviços essenciais funcionam, de forma que seus habitantes têm uma vida onde os recursos do progresso podem ser usados normalmente por mais de 2.000 pessoas que ali, prazerosamente, vivem.

DISTRITO DE TAPINAS

Em 1895, Silvestre Bernardo da Silva procedeu à derrubada das matas no lugar em que hoje se acha o Distrito de Tapinas, cujo primeiro nome foi “Cachoeira”. Pouco tempo depois, sob a invocação do Senhor Bom Jesus, construíram uma Capela de tábuas, na qual foi rezada a 1ª missa oficiada pelo padre de Ribeirãozinho, atual cidade de Taquaritinga. Mais tarde, essa Capela foi substituída por outra de tijolos e coberta de telhas. Com o aumento dos habitantes e fiéis, houve a necessidade da construção de um templo condigno e, em 16 de setembro de 1934, houve o lançamento de sua pedra fundamental. Em 17 de agosto de 1938, foi solenemente inaugurada a nova Igreja. Atualmente ela não mais existe. Encontra-se em fase de construção um belíssimo prédio para abrigar os fiéis católicos.

José Godoy de Bueno foi o primeiro escrivão do Cartório de Paz do Distrito de Tapinas, pertencente ao nosso Município e Comarca, nomeado interinamente em 7 de abril de 1928 e efetivado em 5 de outubro do mesmo ano. Era filho de Pedro de Godoy Bueno e D^a. Rosalina do Amaral Godoy, tendo nascido em 14 de junho de 1904.

Ainda no ano de 1928, em 11 de julho, destacados cidadãos do Distrito de Tapinas fundaram uma Banda, a Corporação Musical “Carlos Gomes”, tendo como regente o musicista Odone Zaparoli e como contramestre Anselmo Casteli.

O regente Odone Zaparoli, executor de vários instrumentos, estudou música com Francisco Sena e Atilio Terence. Era italiano e em 1933 deixou Tapinas, mudando-se para Lucélia.

No ano de 1945, em 12 de julho, foi instalado em prédio provisório o Grupo Escolar “Dr. Antônio de Azevedo Silva”, tendo como primeiro diretor o Prof. René Mallet Cyrino. Desde 26 de dezembro de 1943, sob a orientação do prefeito Lucilo Alves Porto havia sido constituída comissão para construção de prédio adequado para aquela casa de ensino. Com a ajuda da Prefeitura Municipal e mediante subscrição que atingiu a importância de dezenove contos de reis, o prédio foi construído e a inauguração aconteceu



Foto de 1964 da Capela do Distrito de Tapinas, demolida recentemente para a construção de um novo edifício



em 28 de abril de 1946.

A partir de 1982, conforme publicação do D. O. de 25 de março de 1982, a escola passou a chamar-se Escola Estadual de Primeiro Grau João Caetano da Rocha, em homenagem à pessoa que, pelo seu grande empenho, marcou indelevelmente sua passagem pelo Distrito de Tapinas.

Foi o deputado estadual Sylvio Martini que, no ano de 1981, apresentou o Projeto de Lei nº. 424/81 com o objetivo de instituir um patrono para a escola de Tapinas e dar um nome a ela. Em 1982, em resposta ao deputado, apresentou-se o nome do professor João Caetano da Rocha por indicação do vereador Tarquínio Bellentani. Em 1998, de acordo como o parágrafo 1º do artigo 1º do parecer 68/98, passa a ser Escola Estadual Professor João Caetano da Rocha.

O professor que dá nome à escola é merecedor desta homenagem. João Caetano da Rocha, filho do Sr. José Caetano da Rocha e D^a. Maria da Cruz, nasceu em 8 de outubro de 1885, em Nova Lima, Estado de Minas Gerais.

Veio para Cachoeira do Ribeirão dos Porcos, depois Tapinas, no ano de 1916, a convite do fazendeiro Relíquias Ribeiro da Silva, que lhe deu hospedagem e construiu prédio próprio para a escola em sua fazenda, uma vez que na época não havia sequer um professor na região, apesar de contar com inúmeros alunos necessitando do mesmo, onde então o professor João Caetano da Rocha passou a ministrar aulas diurnas e noturnas.

Em 1918, mudou-se para a Vila, onde também exercia a função de auxiliar de farmácia, sempre lutando para a elevação da Vila para Distrito, impondo-se ao respeito de todos os moradores daquela localidade. Ainda ministrando aulas particulares, faleceu repentinamente naquela localidade, no dia 20 de maio do ano de 1935 e se encontra sepultado no cemitério local.

Hoje, a Escola Estadual João Caetano da Rocha funciona em três períodos, oferecendo ensino fundamental e médio, para mais de 600 alunos.

Com uma população de mais de 3.000 habitantes, segundo o último censo, Tapinas representa, atualmente, forte esteio da cidade de Itápolis, assim como quando os europeus italianos aqui chegaram foram vencendo as dificuldades, ultrapassando barreiras e conquistando seu espaço, produzindo riquezas através do cultivo do café. Hoje, os trabalhadores, produtores, sitiantes, fazendeiros, comerciantes e demais habitantes, cada qual no seu ramo, continuam a saga dos pioneiros, não medindo esforços, quer seja na produção da laranja, da cana-de-açúcar ou de serviços, para trazer a todos a fartura e o desenvolvimento social e econômico.

Sob o olhar abençoado do Senhor Bom Jesus, as ruas descalças do passado, onde figuras inesquecíveis traçaram vidas produtivas e fecundas, misturam-se aos recursos dos dias atuais, tão necessários à vida moderna: Posto de Saúde, Posto Policial, Creches Municipais, Velório, Escola Estadual, Supermercados, Igrejas, Lojas de vários segmentos, Farmácias, Dentistas, Cabeleireiros, Linha de Ônibus e outros.

Filhos de Tapinas destacam-se em todas as profissões, nos ramos mais diversos da atividade hu-

mana. Famílias como: Coletti, Semensato, Pontieri, Bortolassi, Chiquetti, Severino, Sgarbi, Venturini, Camargo, Aravechia, Castelli, Vinholi (de quem nos veio Geraldo Vinholi, Deputado Estadual), Marconi, Chiquetti, Renesto, Vicentin, Vicentiner, Nery, Rossato, Roque, Monguini, Loli e tantas outras, traduzem o valor do trabalho do amor à terra e suas consequentes vitórias e progresso.



Imagem de Jesus Cristo na entrada do Distrito de Tapinas, para quem chega de Itápolis, pela rodovia vicinal Antonio Coletti